



A imagem da capa deste número da **Alumni**, assinada pela artista visual e aluna da UNIABEU Celly Williams, chama-se **Le Bruit**. Em português, pode querer dizer “barulho”, “ruído” ou mesmo “rumor”. Observemos que essa série semântica é inflacionada de possibilidades. Podemos usar cada uma das três palavras como sinônimos ou para dizer realidades radicalmente distintas (e não somente uma em relação às demais, mas cada uma em relação a si mesma). “Fazer barulho”, por exemplo, pode apontar a um gesto político combativo que busca se fazer ouvir e ver a outrem, ou, então, ao contrário, ser dito como um dar de ombros a quem se manifesta: eles só estão “fazendo barulho...”. Quando há muito barulho, não conseguimos entender o que nos diz nosso interlocutor e, no limite, dizemos, sequer conseguimos pensar. Por outro lado, há momentos em que só possível dizer o que queremos, ou o que é preciso dizer, engajando nossos pulmões e cordas vocais, inflando e inflamando nosso corpo com força e coragem suficientes para fazer muito barulho. Certamente não é essa a principal vocação da arte, mas a de produzir um “ruído” na (tentativa de) comunicação.

Não sabemos se as palavras que aparecem em **Le Bruit** são empenhadas como palavras-de-order que engajam seu falante no mundo, ou se são slogans e, como tais, esvaziadas de sujeito - pois existem palavras sem sujeito, ou seja, palavras sem desejo e vazias de política (basta que ouçamos os papagaios...). Essa incerteza, junto às possibilidades contraditórias que já mencionamos, não devem ser resolvidas nem apaziguadas. Isso porque a “voz”, essa coisa que nos distingue enquanto seres falantes dos outros animais (ora, inclusive dos papagaios), é uma superação “dialética” do ruído, ou seja, uma superação que guarda consigo seu ponto de partida: toda voz é, “também”, um ruído; mas não “somente” um ruído.



Toda e qualquer voz é “também” um ruído: isso fala sobre a condição insuperavelmente política dos seres falantes. A política não é outra coisa que essa dimensão de potência que habita o humano: a possibilidade, sempre pendente e incompleta, de que a palavra, transcendendo o ruído, superando-o dialeticamente, faça do mero corpo vivo também um corpo político - um corpo, preenche de sentidos, que altera o espaço em que se move.

Em **Le Bruit**, o rumor está impresso no papel, tornando-se rastro e imagem. É quase possível ouvir o seu barulho, a sua tagarelice, como um amontoado de molas a saltar da boca que parece brotar de ombros. É como se ela nos dissesse, sem dizer, tal qual Barthes em **O Rumor da Língua**, que a cabeça, essa parte do nosso corpo a qual conferimos os atributos da razão, não seria feita de pensamentos, mas de palavras, a rigor, de linguagem. Exposta no universo porvir do papel em branco, como um corpo que se intromete num espaço inteiramente novo, a cabeça se expande como uma “caixinha de surpresas” que, ao ser aberta, faz saltarem objetos imprevistos. Ali, trata-se de uma boca... pronta para devorar o mundo porvir do papel em branco? Face não há mais; o que há, pois, é voz, mas uma voz atravessada de outras vozes, de ruídos, feita de rastros, de traços, de linhas que parecem seguir seus próprios cursos ao sabor dos seus desejos. Se face não há mais é porque não há indivíduo, mas sujeito. E se é de sujeito que estamos falando, e não de indivíduo, é porque a voz, a escrita e a imagem nos dão acesso ao não pensado e ao imprevisto; elas agem, através dos nossos corpos, vindo de lugares que desconhecemos, em direção a destinos que, igualmente, não somos capazes de prever. Por isso que o sujeito, aquele que porta a ambiguidade e a potência da voz, não é nem uma figura nem um signo - mas o que há de vir.

Diogo C. Nunes
Editor